

## EDUCAÇÃO FAHRENHEIT: PADRONIZAÇÃO E CONFORMISMO NA FORMAÇÃO DOS SUJEITOS

**Tatiane Sperandio Fernandes Molini**

E-mail: [tatianemolini@gmail.com](mailto:tatianemolini@gmail.com)

**ÁREA TEMÁTICA:** Políticas públicas educacionais.

**RESUMO:** O presente trabalho discute os impactos da padronização e do conformismo na formação dos sujeitos, articulando reflexões de Paulo Freire e a obra Fahrenheit 451, de Ray Bradbury. Parte-se do entendimento da educação como prática libertadora, conforme defendido por Freire, para problematizar os efeitos de uma educação que aliena, desumaniza e impede o desenvolvimento da consciência crítica. O objetivo central é analisar como a educação institucionalizada, tanto na ficção de Bradbury quanto na realidade contemporânea, contribui para a manutenção de estruturas opressoras, silenciando subjetividades e suprimindo o pensamento reflexivo. A metodologia adotada é de cunho qualitativo, com base em análise crítica de conteúdo, dialogando com o referencial teórico freiriano e elementos da narrativa distópica de Fahrenheit 451. O estudo examina como o sistema educacional descrito na obra — marcado pela proibição da leitura, superficialidade do ensino e valorização do entretenimento — se aproxima de práticas atuais que esvaziam o caráter emancipador da educação, priorizando desempenho técnico, controle e conformidade. Os resultados indicam que tanto na ficção quanto na realidade há um processo de apagamento da subjetividade, da emoção e da criticidade, que transforma os indivíduos em objetos, moldando-os para atender às exigências de um sistema tecnocrático e neoliberal. Conclui-se que o avanço de uma “Educação Fahrenheit” exige uma reação pedagógica fundamentada na dialogicidade, na humanização e no compromisso ético com a liberdade. É necessário resgatar a educação como prática crítica e afetiva, capaz de promover autonomia, empatia e reconstrução social frente às “situações-limites” impostas pelo mundo atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fahrenheit 451. Consciência crítica. Padronização. Formação Humanizadora. Alienação.

### FAHRENHEIT EDUCATION: STANDARDIZATION AND CONFORMISM IN THE TRAINING OF SUBJECTS

**ABSTRACT:** This paper discusses the impacts of standardization and conformity on the formation of individuals, articulating reflections by Paulo Freire and the novel Fahrenheit 451 by Ray Bradbury. It is based on the understanding of education as a liberating practice, as advocated by Freire, to problematize the effects of an education that alienates, dehumanizes, and prevents the development of critical consciousness. The central objective is to analyze how institutionalized education, both in Bradbury's fiction and in contemporary reality, contributes to the maintenance of oppressive structures, silencing subjectivities and suppressing reflective thinking. The methodology adopted is qualitative, based on critical content analysis, engaging with Freirean theoretical references and elements of the dystopian narrative of Fahrenheit 451. The study examines how the educational system described in the novel—characterized by the prohibition of

reading, the superficiality of teaching, and the valorization of entertainment—resembles current practices that undermine the emancipatory character of education, prioritizing technical performance, control, and conformity. The results indicate that both in fiction and in reality, there is a process of erasing subjectivity, emotion, and criticality, transforming individuals into objects molded to meet the demands of a technocratic and neoliberal system. It is concluded that the advance of a “Fahrenheit Education” demands a pedagogical reaction grounded in dialogical practice, humanization, and an ethical commitment to freedom. It is necessary to reclaim education as a critical and affective practice, capable of promoting autonomy, empathy, and social reconstruction in the face of the “limit-situations” imposed by the contemporary world.

**KEYWORDS:** Fahrenheit 451. Critical Consciousness. Standardization. Humanizing Pedagogy. Alienation.

### A EDUCAÇÃO DIALÓGICA COMO CAMINHO PARA A LIBERTAÇÃO SEGUNDO PAULO FREIRE

Tomando a educação no seu conceito libertário e emancipatório, nos remetemos a Paulo Freire que dentre os maiores educadores e filósofos do século XX destaca-se como àquele que viu a educação como um processo importante de desenvolvimento da consciência crítica dos sujeitos. Ele argumentava que a educação não é neutra, podendo tanto perpetuar a opressão quanto promover a libertação. Desse modo, a educação assume um papel político de suma importância, já que deveria estar ligada a ideia de transformação social. Além disso, Freire destaca elementos da sociedade relacionados à busca pela humanização e à importância de reconhecer o ser humano como indivíduo. Ele ressalta a alienação provocada pela exploração do trabalho e a desumanização presente na objetificação das pessoas, ou seja, a existência versus posse, especialmente no contexto da exploração e opressão.

Essa redução dos sujeitos à condição de objeto seria uma das formas mais profundas de alienação e desumanização. Para Paulo Freire a educação é o processo que promoverá a humanização dos indivíduos por meio da consciência crítica, o que permite aos oprimidos se afirmarem como sujeitos ativos na transformação de sua realidade social e política.

Para Freire é profundamente contraditória a ideia de que indivíduos genuinamente humanistas adotem a prática bancária de educação, que se caracteriza por uma transmissão passiva de conhecimento, desprovida de reflexão. Tal abordagem vai contra os princípios fundamentais do humanismo, que valoriza a emancipação e a capacidade

crítica dos educandos. Nesse contexto, Freire apresenta em *Pedagogia do oprimido* (1968), situações que funcionam como barreiras para que os sujeitos alcancem a liberdade e a humanização. Essas “situações-limites” representam os obstáculos estruturais, sociais, econômicos e culturais que perpetuam a opressão e a desumanização. A superação dessas situações só é possível quando há uma tomada de consciência onde os sujeitos reconheçam e compreendam essas barreiras através de um processo de conscientização crítica. É no desenvolvimento de uma ação educativa dialógica que Freire sinaliza a reflexão crítica sobre a realidade e que promove uma ação coletiva para a transformação. Para ele torna-se essencial e urgente o reconhecimento de situações como a exploração econômica, a discriminação social, a opressão política e tantas outras que limitam a autonomia das pessoas e as tornam cada vez mais marginalizadas e conseqüentemente desumanizadas.

É por isso que Paulo Freire propõe uma pedagogia humanista-libertadora, que se traduz em uma pedagogia em processo de libertação permanente, em busca da humanização tanto de educadores quanto de educandos, promovendo assim a libertação de todos os envolvidos no processo educativo. Desse modo, as relações humanizadoras desenvolvidas na educação e com a educação, devem buscar um conhecimento libertador que leve “a superação das situações-limites em que os homens se acham quase coisificados” (Freire, 1987, p. 60).

## **A EDUCAÇÃO COMO MECANISMO DE CONTROLE: REFLEXÕES FREIRIANAS A PARTIR DE *FAHRENHEIT 451***

Ao buscar em Paulo Freire as argumentações para o declínio de uma educação tradicional, que se traduz em educação bancária, alienante, tratando os estudantes como recipientes passivos a serem preenchidos com conhecimento, nos deparamos com a educação imposta no mundo idealizado por Ray Bradbury em *Fahrenheit 451*.

O livro *Fahrenheit 451* (1953) trata-se de um romance que é ambientado em uma sociedade futurística. A ficção científica, escrita por Bradbury, com as devidas ressalvas, revela elementos de um mundo bem próximo dos nossos tempos. No entanto, certa vez o autor afirmou, em uma entrevista de 1996, que a “[...] ficção científica é uma ótima

maneira de fingir que você escreve sobre o futuro quando, na verdade, você está atacando o passado recente e o presente” (Bradbury, 1996). No romance, os livros são proibidos, a leitura é considerada crime que ameaça a manutenção de um estado de felicidade forjado pelo Estado e compartilhado com o conjunto da sociedade. Como meio de controle social, há um discurso empenhado no ódio aos livros (literatura), que culmina no movimento de assepsia pelo fogo (queima), promovido pelos “bombeiros”. Estes que já não controlam os incêndios, mas os provocam como uma espécie de “missão” de salvamento da manutenção da paz e da tranquilidade na sociedade.

A discussão, ora apresentada, tem como fio condutor a problematização da formação humana percebida tanto na obra como no âmbito da vida na sociedade atual, bem como expor possíveis contribuições para se pensar e defender uma perspectiva crítica de educação nesse contexto.

Do mesmo modo que Freire, Bradbury critica a educação institucionalizada que prioriza a conformidade e suprime a individualidade e o pensamento crítico. Como os cidadãos são ensinados a aceitar informações de maneira passiva e sem questionar, a alienação e a ignorância são perpetuadas na sociedade como forma de manutenção ao status quo. Isso impede que eles desenvolvam uma consciência crítica sobre sua realidade, contribuindo para a desumanização, o que aponta para os perigos de uma sociedade sem consciência crítica, onde a conformidade e a falta de reflexão levam à supressão da individualidade, a perda dos valores humanos e à desvalorização do conhecimento significativo, ou seja, àquele que está relacionado à libertação e à conscientização dos sujeitos.

Uma hora de aula pela tevê, uma hora jogando basquete ou beisebol ou correndo, outra hora transcrevendo história ou pintando quadros e mais esportes, mas, sabe, nunca fazemos perguntas; pelo menos a maioria não faz; eles apenas passam as respostas para você, pim,pim,pim, e nós sentados ali, assistindo a mais quatro horas de filmes educativos. Isso pra mim não é nada social. Parece um monte de funis e muita água jorrando da torneira, entrando por um lado e saindo pelo outro, e depois eles vêm nos dizer que é vinho, quando não é (Bradbury, 2012, p.50).

Esse cenário de uma educação opressora, uniforme e censuradora causa um impacto profundo na sociedade de *Fahrenheit 451*, privando as pessoas de aprenderem com os erros e acertos, de desenvolverem um entendimento mais amplo sobre questões

complexas e de contribuir para o avanço da civilização. Isso corrobora também para que a sociedade torne-se menos empática, menos tolerante e menos preparada para lidar com desafios que emergem da realidade. O sistema educacional em *Fahrenheit 451* prioriza o entretenimento superficial e a conformidade, em detrimento da reflexão crítica e da construção de valores éticos e humanos.

No mundo distópico idealizado por Ray Bradbury a rebeldia dos jovens, o sistema educacional e as relações afetivas desempenham papéis importantes e interconectados. Essa tríade é utilizada para criticar uma sociedade que sufoca a liberdade de pensamento e a expressão individual dos sujeitos. Partindo dessa realidade é possível perceber que o processo de aprendizagem e a maneira como aprender estão intimamente ligados às emoções. Na sociedade de *Fahrenheit 451*, o governo suprime emoções e experiências emocionais como uma estratégia de controle social. A educação é desprovida de conteúdo que possa evocar respostas emocionais, e os jovens são ensinados a evitar a introspecção e a reflexão. Essa supressão das emoções impede que os indivíduos desenvolvam uma compreensão profunda do mundo ao seu redor, tornando-os apáticos e conformistas. Sem a capacidade de se conectar emocionalmente com o material de aprendizagem, os estudantes são incapazes de questionar a realidade em que vivem, perpetuando o ciclo de controle e opressão.

Para Paulo Freire a compreensão do mundo começa com os estímulos que recebemos através dos sentidos, tornando impossível dissociar a educação e a aprendizagem do fator emocional. Quando consideramos a emoção como uma energia vital que conecta o mundo externo ao nosso mundo interno, percebemos que a abordagem da disciplina sob a perspectiva da moralidade frequentemente se concentra no sentido da punição. Desse modo, a prática educativa sob seus diferentes aspectos, pode servir tanto à transformação quanto à estagnação da sociedade; *A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.* (Freire,2002, p.73).

Cabe assim destacar que a violência, o conformismo, a busca por sensações extremas e a falta de empatia entre as pessoas não são problemas presentes apenas na sociedade idealizada por Ray Bradbury. No mundo contemporâneo, é evidente a

importância de se refletir sobre a forma como nos relacionamos e interagimos com o que está ao nosso redor

A personagem Clarisse McClellan - personagem essencial em *Fahrenheit 451* - é um símbolo de resistência à cultura do silêncio e à alienação social. Clarisse contrasta com os demais cidadãos ao valorizar a introspecção, o diálogo e a contemplação da natureza, aspectos que a tornam “antissocial” aos olhos do sistema opressor. Sua postura questionadora e sua capacidade de perceber a beleza e a complexidade do mundo despertam no protagonista, Guy Montag, uma inquietação profunda que o leva a refletir sobre o vazio de sua existência e sobre a função destrutiva de sua profissão como bombeiro incendiário. Ao buscar o diálogo genuíno, a reflexão crítica e ao recusar a falsa sociabilidade imposta pelo sistema educacional em *Fahrenheit 451*, ela representa o sujeito que Paulo Freire considera como agente de transformação: alguém que se recusa a ser mero objeto das estruturas sociais e busca ser sujeito da sua história.

- Ah, eles não sentem a minha falta [...] Dizem que sou antissocial. Não me misturo. É tão estranho. Na verdade, eu sou muito social. Tudo depende do que você entende por social, não é? Social para mim significa conversar com você sobre coisas como esta. [...] Ou falar sobre quanto o mundo é estranho. É agradável estar com as pessoas. Mas não vejo o que há de social em juntar um grupo de pessoas e depois não deixa-las falar, você não acha? (Bradbury, 2012, p.49).

Esse comportamento aponta para uma necessidade eminente de repensarmos onde estão postas as lógicas que estabelecemos em nossos relacionamentos e como elas são desenvolvidas, sobretudo a partir do modelo educacional proposto, e que deveria ter um papel formador de criticidade e objetivo emancipador. Ao analisarmos todas essas questões podemos perceber em Paulo Freire e Ray Bradbury uma série de pontuações que nos aproximam do que é visto em nossa sociedade atual, principalmente no que diz respeito aos aspectos sociais, culturais e tecnológicos que impactam na educação. Questões como a desvalorização do conhecimento e da leitura, dominação tecnológica e do entretenimento, a supressão do pensamento crítico e a alienação, a polarização e o controle da informação, são nos dias de hoje como que as “situações-limites” que Paulo Freire já nos alertava há tempos. Em um texto chamado *Pedagogia Fahrenheit* (2004), Gustavo Bernardo associa o título do livro de Bradbury a uma expressão que ele usa para falar do ensino formal da literatura por meio da escola e o ensino informal que se dá pelos

meios de comunicação, inclusive pela internet. Ele destaca que assim como acontece na ficção a leitura atualmente tem sido cada vez mais reduzida e adaptada sendo muitas vezes utilizadas meras sínteses dos originais, *os livros se transformam progressivamente em condensações, resumos, verbetes e então em cinzas* (Bernardo, 2004). A partir dessa reflexão, gostaria de me valer da intenção do termo usado por Bernardo e ampliá-lo para discutir não só a pedagogia mas sobretudo, uma espécie de *Educação Fahrenheit*, que tem sido forjada nos moldes da ficção de Bradbury nos dias atuais. Assim como no exemplo da literatura que Bernardo nos apresenta, a educação também tem sido alvo de uma política de incineração e esvaziamento do seu caráter emancipador onde os “fósforos” são acesos sob o pretexto da resolução de velhos problemas como evasão escolar, violência nas escolas, proficiência, formação e desempenho dos estudantes em provas de larga escala. No entanto, o que tem se manifestado como uma nova forma de lidar com essas dificuldades, não passa de uma retomada de antigos propósitos que colocam a educação como mecanismo ideológico de preparação dos estudantes, sobretudo da educação pública, para determinadas necessidades econômicas, sociais e políticas que se querem estabelecer.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.- Educação e emancipação. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2ª ed., 2020.
- ANDRADE, Marcelo Silva de. A Relação de Humanização e Desumanização em Paulo Freire: Perspectivas para uma proposta de educação. Mossoró, RN: UERN, 2015.
- BERNARDO, Gustavo. Pedagogia Fahrenheit. Revista Texto Digital - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1279/988>
- BRADBURY, Ray. Fahrenheit 451. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2ª ed., 2012.
- BRADBURY, Ray. 50 Years of the Playboy Interview. Ray Bradbury: The Playboy Interview. English Edition. E-book.
- CUNHA, Diana A. As utopias na educação: ensaio sobre as propostas de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança [recurso eletrônico]: um reencontro com a pedagogia do oprimido / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. Recurso digital

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

MATTOS, Luiz Augusto de. A formação do sujeito: educação como processo de humanização ao “ser mais” de Paulo Freire. Itatiba: USF, 2021.

NEVES, Lucia M. W. (Org.). A nova pedagogia da hegemonia: estratégia do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005.

NOSELLA, P. A atual política para educação no Brasil: a escola e a cultura do desempenho. Revista Faz Ciência, Paraná, v. 12, n. 16, p. 37-56, jul./dez. 2010.

ROSA, Nilber Martins. Tempos distópicos? Dimensão política da educação nos projetos sociais de Fahrenheit 451 e Admirável Mundo Novo. Dissertação de mestrado UFLA, 2017.

SANTOS, J. A. Educação e racionalidade técnica: desafios da formação como espaço de resistência. Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, Brasil, v. 29, n. 2, p. 209–217, 2019. DOI: 10.18224/frag.v29i2.7366. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7366>. Acesso em: 24 ago. 2024.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos de. A Educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.